

## ISSO AQUI ERA TUDO MATO: HISTÓRIAS QUE CONSTRUÍRAM BRASÍLIA

Raysa Ferreira Soares<sup>1</sup>

*“Brasília é um romance digno de ser contado”*

### **Resumo:**

A partir da leitura do romance *Cidade livre*, de João Almino, pretende-se analisar alguns suportes empíricos utilizados para transmitir memórias sobre a cidade de Brasília e resguardar o sentimento de pertencer que as lembranças de quando “isso aqui era tudo mato” proporcionam. Serão coletadas fotos e narrativas de pessoas que vivem em Brasília desde a sua fundação, bem como das que chegaram depois, mas, tem a cidade como seu lar e construíram memórias coletivas e individuais, contribuindo com a identidade cultural da capital do país.

**Palavras-chave:** memória e literatura; fotografia e literatura; Cidade Livre; João Almino

### **Cidade Livre – um romance mítico**

Podemos definir dois pilares que sustentam o romance *Cidade Livre*, o primeiro é a história da construção de Brasília, contada sempre pelo narrador protagonista *J.A* e que, como bem elenca Regina Zilberman, passa pelos principais acontecimentos político-sociais desde que Brasília era apenas um sonho, até um dia após a sua inauguração.

Rememoram-se as profecias milenaristas que prognosticavam seu aparecimento, as missões, desde o século XIX, que mapearam a região, as iniciativas do governo federal no sentido de viabilizar o projeto, as inaugurações que sinalizavam sua instalação, as medidas de ordem material de que a Brasília de hoje resultam, como a alteração na geografia dos rios, levando à criação do lago Paranoá. (ZILBERMAN, 2012)

Essas alterações materiais também podem ser consideradas no que tange a ordem social da cidade. Em um plano mais central da história temos, obviamente, a organização da cidade livre, uma “vila” criada para abrigar qualquer um que viesse para trabalhar, daí mais um significado para o termo “livre” da cidade, que no livro é tratado como algo relativo a não-cobrança de impostos, mas também pode-se supor “livre” por

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Português Licenciatura pela Universidade Brasília (UnB).

aceitar todos os que ali quisessem morar, ao contrario do Plano Piloto em construção, onde várias quadras já tinham os moradores previamente selecionados.

A partir disso temos o segundo pilar do romance, tendo como foco a história da família do narrador e de outros moradores da Cidade Livre, em especial o operário Valdivino. Todos eles chegaram a Brasília para participar da construção da cidade e receber uma parcela de toda a prosperidade que era prometida para quem fizesse da nova capital um lar.

Esse segundo pilar do romance se entrelaça com o primeiro e permite que a história da construção de Brasília, uma cidade milimetricamente planejada, ganhe contornos mais orgânicos. Esses contornos se dão pelas histórias inventadas daquilo que poderia ter sido ou que pode até ter acontecido, mas foi ignorado. O orgânico do livro é justamente quando se dá voz e nome próprio àqueles que são conhecidos apenas como candangos e cujos rostos nas fotografias não dão conta de toda a vida e histórias que aqueles homens e mulheres carregavam.

Em *Cidade Livre*, um desses homens é Valdivino. Apesar de ser uma caricatura do que seria um nordestino em Brasília, ele se mostra como o único que tem, entre todos os adultos da trama, a vontade de deixar um legado na cidade. Ao contrário do pai do narrador, por exemplo, que busca a riqueza a qualquer custo. Os objetivos de Valdivino em relação à cidade acabam se encontrando com os objetivos de homens “grandes” sempre lembrados no romance, como Dom Bosco e o próprio Juscelino Kubitschek, todos eles com um desejo de deixar Brasília como um legado para a humanidade.

Antes de compor o romance, o autor João Almino já acreditava na “dimensão mítica” de Brasília: “o mito entendido como uma narrativa de significação simbólica”. (ALMINO, 2007). É possível encontrar os personagens de *Cidade Livre* em cada um desses símbolos elencados pelo autor. Percebe-se que João Almino já esboçava o que viria a ser esse livro, já existia um projeto de transformar a história de Brasília e guardar as memórias de cidade em um romance épico. Em *Cidade Livre* o narrador, por ser ainda criança, absorve todos os ideais e idealizações do que viria a ser Brasília e como sua vida teria um final diferente naquela cidade monumento. Ao final o narrador se mostra frustrado com o rumo que as coisas tomaram; o pai preso e a morte não solucionada de Valdivino, morte pela qual o narrador também se sente culpado. J.A simboliza a própria cidade.

Eu via agora como uma criança que nasce cercada de grandes promessas, mas que não consegue sequer crescer com a dignidade dos pais; que se torna marginal, mas que um dia ainda pode por vontade própria corresponder à chamada que lhe dera vida. (ALMINO, 2010)

A morte de Valdivino e o desaparecimento do seu corpo representam o esquecimento a que os candangos foram condenados. Claro que todos sabem da importância desses homens para a construção da cidade, mas o final dessa história é o silenciamento de suas vozes, o desaparecimento de seus corpos transformados em um grande monumento e por fim, o condicionamento desses homens e de suas famílias aos lugares mais distantes do plano piloto que não existiria sem eles.

Valdivino é, pois, o morto que não pode ser enterrado, porque seu cadáver não foi encontrado. É o cordeiro de Deus sacrificado, é também o líder religioso que conduziria um povo à terra prometida. Como uma culpa injulgada e, portanto, impenalizável, Valdivino permanece entre nós, denunciando o que ficou incompleto e ignorado pelo poder soberano, em nosso ininterrupto estado de exceção. (ZILBERMAN, 2012)

### **Brasília: os lugares da memória e os lugares na memória.**

Fotografias, sabemos bem, podem "mentir": elas podem ser adulteradas e retocadas, mas também podem ser erroneamente contextualizadas. Ainda assim, é difícil escapar do fascínio em relação a essa espécie de vocação da fotografia para afirmar que os lugares, as coisas e as pessoas retratados existiram, "estiveram lá"; a fotografia traz consigo a marca do referente, já que são os próprios objetos que se imprimem sobre a chapa fotográfica exposta à luz. (MARQUES, 2013)

Roland Barthes fala em *A Câmara Clara* sobre a "teimosia do referente em estar sempre presente", ou seja, ao olharmos para uma fotografia muito do que já não existe mais, ainda está lá e cabe a quem observa dar o contexto e relatar a lembrança daquele momento que mereceu ser eternizado, mas é impossível não saber o que aquele referente é e representa de fato, há uma história que não pode ser mudada. Por ser uma cidade muito jovem, a história de Brasília, desde a sua inauguração, é contada por seus moradores, gente que vive aqui desde quando "tudo ainda era mato" ou mesmo quem chegou depois, mas viu a cidade evoluir depressa.

A presença de fotografia talvez se fizesse importante ou até imprescindível em *Cidade Livre*, por se tratar de um romance memorialístico, porém as paisagens e imagens necessárias para o desenvolvimento da história são todas narradas, contadas, descritas pelo narrador protagonista, sempre em um momento contextualizado, ele não se lembra de algum lugar, ele sempre está lá, seja nas ruas da cidade livre, no cemitério

recém-inaugurado ou na igrejinha, as paisagens e monumentos de Brasília fazem parte das ações da história.

Essa estratégia do autor contribui para a característica colocada aqui de que *Cidade Livre* se trata de um lugar de memória da cidade, a percepção de pertencimento por estar naquele lugar em momentos importantes faz com que o narrador sempre se sinta parte daquilo tudo, ainda que não possa de fato contribuir muito.

Para quem lê a percepção é a mesma, estar, ter estado ou apenas se lembrar de permite que o leitor morador da cidade ou ex-morador se perceba enquanto pertencente ou até mesmo guardião dessas memórias. Diante desse emaranhado de fatos, uns reais, outros tantos, ficcionais, os leitores talvez sejam os responsáveis por preencher as lacunas da memória e da história.

“*Que saudades são essas que sentimos de uma felicidade inventada pela lembrança?*”

### **Bibliografia**

ALMINO, João. *Cidade livre*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

\_\_\_\_\_. “O mito de Brasília e a literatura”. *Estudos Avançados*, vol. 21, nº. 59. São Paulo. Jan./Abr. 2007.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.

### **Artigos**

KLUG, Marlise Buchweitz; LEBEDEFF, Tatiana Boliva; LIMA, Rosimeire Simões de. Literatura como lugar de memória: uma análise do romance *Satolep*, de Vitor Ramil ANTARES, Vol. 7, Nº 13, jan/jun 2015

MARQUES, Ana Martins . Paisagem com figuras: fotografia na literatura contemporânea (W.G. Sebald, Bernardo Carvalho, Alan Pauls, Orhan Pamuk). Tese de Doutorado, 2013.

ZILBERMAM, Regina. Cidade Livre - Fundação e Memória Cultural. Matraga, Rio de Janeiro, v.19 n.31, jul./dez. 2012